

## **Memorial**

**Marcus Maia**

*Este memorial historia cronologicamente minha trajetória acadêmica, relatando as atividades de pesquisa e a produção profissional relevantes, bem como a minha atuação no ensino, extensão e na gestão acadêmica, conforme previsto no Artigo 6, inciso IV, letra c, da Resolução Consuni nº 08/2014, que estabelece normas e critérios para o desenvolvimento da Carreira de Magistério Federal da UFRJ.*

Duas questões fundamentais vêm motivando meu interesse de pesquisa em linguística, desde o seu início, há trinta e cinco anos, quando fui aceito no mestrado em linguística da Faculdade de Letras da UFRJ, tendo começado também, na mesma ocasião, um estágio no Setor de Linguística do Museu Nacional da UFRJ. Neste memorial, procurarei avaliar a natureza e os desdobramentos dessas questões tanto em minha produção bibliográfica, quanto nas atividades institucionais de ensino e de orientação, exercidas ao longo desse período.

A primeira questão é de natureza teórica: como caracterizar a representação e o processamento de constituintes sintáticos de uma frase, na interface com a semântica e a pragmática? Trata-se de questão central da arquitetura do conhecimento e do processamento da linguagem que, tomando a competência estruturante humana como núcleo do saber e do fazer linguísticos, explora suas relações com a interface conceptual intencional. A segunda questão tem caráter aplicado: como o pensar linguístico e, mais especificamente, o pensar sintático, poderia contribuir para o desenvolvimento do raciocínio e, translacionado para a educação, impactar o ensino de língua materna na escola? Além de sua relevância para o ensino de português, esta questão se desdobra ainda para pensar a

análise, a preservação e revitalização de línguas minoritárias, tendo em vista, especialmente, populações indígenas brasileiras, em situações em que a língua indígena encontra-se em perigo de extinção, sendo substituída gradativamente pela língua portuguesa.

Curiosamente, até onde posso avaliar, meu interesse pela sintaxe foi, inicialmente, despertado ainda no segundo ano do antigo ginásio, em colégio dos Salesianos, quando, pela primeira e única vez em minha trajetória escolar, fiquei em recuperação, não obtendo aprovação direta por média. A recuperação que, em 1967, se chamava “segunda época”, exigia passar o período de férias de janeiro e fevereiro, frequentando o colégio, assistindo aulas e fazendo exercícios, para, ao fim desses meses, prestar novos exames. Acontece que a disciplina que precisei ficar estudando durante os dois meses de férias, muito a contragosto de minha mãe, que não pôde, naquele ano, veranejar na casa da família, em Nova Friburgo, era justamente língua portuguesa, sendo que o conteúdo naquela série era a temida “análise sintática”. O Padre Josué, que ministrava a disciplina, nos propunha, com um sorriso enigmático, a análise de longos trechos de *Os Sermões*, do Pe. Antonio Vieira. A princípio, aqueles períodos barrocos, que tomavam, por vezes, toda uma página, até que, quase sem ar, se chegasse ao ponto final, pareciam-me completamente indecifráveis. Eram frases centopeicas, em que, não raro, uma oração principal podia ser flagrada como subordinada a outra no final de extenso período, lá no pé da página, após uma série intrincada de orações adjetivas e adverbiais. Aos poucos, no entanto, a exploração daqueles labirintos começou, surpreendentemente, a fazer sentido! Em algum momento daquele verão, a esfinge da análise sintática tradicional foi, de alguma forma, ludicamente

decifrada, me levando à aprovação na disciplina com nota máxima e, vários anos depois, ao curso de Letras.

Durante a graduação em Letras, me chegaram às mãos dois livros fundamentais para a minha formação: “A Linguagem e sua Estrutura”, de Ronald Langacker e “Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras, de Mattoso Câmara Jr. O primeiro era uma tradução de livro homônimo em inglês, apresentando os fundamentos da linguística gerativa. O segundo fazia o que dizia o título, uma apresentação introdutória das línguas indígenas, sua classificação, algum esboço de análise estrutural de dados, além de um breve histórico de seu estudo. O livro mencionava cursos no Museu Nacional da UFRJ, ministrado por professores do *Summer Institute of Linguistics* e por estudiosos brasileiros, como a professora Yonne de Freitas Leite. Terminada a graduação, após passar um período de dois anos viajando e estudando inglês, nos Estados Unidos, fui ao Museu Nacional e procurei a professora Yonne, de quem tive, logo em seguida, o privilégio de vir a ser estagiário no Museu Nacional e orientando, no Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ.

Minha tentativa inicial de abordagem de questões morfológicas e sintáticas deu origem à minha dissertação de mestrado em Linguística, orientada pela profa. Yonne Leite. A dissertação foi defendida em 1986 e revisada e publicada, na forma de livro, em 1998, pela editora alemã Lincom-Europa:

Maia, M. (1998). *Aspectos Tipológicos da Língua Javaé*. Lincom Studies in Native American Linguistics 11. München: Lincom-Europa, 90p. ISBN 3 89586 237 1

A primeira abordagem da questão sobre as aplicações educacionais da linguística foi concretizada no livro que organizei para uso em escolas da

etnia Karajá e Javaé, cuja língua havia sido objeto de minha dissertação de mestrado:

Maia, M. (1990). *Cartilha Karajá* (organização geral em colaboração com o antropólogo André Toral (MARI-USP) e o matemático Francisco Vieira (UFF) e autoria de capítulos sobre linguagem). Museu do Índio (FUNAI) & Imprensa Oficial do Município do Rio de Janeiro, 304 p.

O primeiro livro tinha como objetivo confrontar diversos aspectos da gramática do dialeto Javaé da língua Karajá (tronco Macro-Jê) com diferentes modelos tipológicos, visando, ao mesmo tempo, a uma compreensão mais integrada dos fatos gramaticais desta língua e a uma verificação do poder descritivo e explicativo das teorias tipológicas. O estudo apresenta uma primeira descrição de aspectos centrais da morfologia e da sintaxe da língua, identificando seus padrões básicos de ordem vocabular e características gramaticais: SOV, SV, NPo, GN, NA, DemN, NumN/NNum, numerais aditivos constituídos por padrão e dígito menor, NRel, Adj Padrão de comparação, Nome Próprio-Nome Comum, V Aux, Vsub-Vprincipal, partícula interrogativa posposta ao nome nas questões do tipo sim/não, palavras interrogativas QU iniciais, muitos prefixos em uma única classe complexa e poucos sufixos em muitas classes simples, estrutura vocabular aglutinativa e estrutura silábica restrita a V e CV. Além disso, o livro traz uma análise desses fatos gramaticais do Javaé fundamentada na distribuição morfológica de padrões estativos, ergativos e acusativos, constatando-se a ocorrência em Javaé de um “*split*” ergativo/acusativo manifesto no sistema de correferência pronominal dos verbos. Os verbos intransitivos ativos apresentam um sistema de concordância do tipo nominativo/acusativo e os verbos intransitivos estativos têm um sistema ergativo/absolutivo. Por outro lado, há um sistema de marcação de caso nominal do tipo acusativo, identificando, ao

contrário das previsões teóricas de Dixon e Moravcsik, um sistema de casos do tipo acusativo ao lado de um sistema de concordância verbal com ergatividade em “*split*”. O estudo conclui que, à parte a inegável contribuição que os estudos tipológicos têm dado para a investigação sincrônica e diacrônica das estruturas lingüísticas, fica claro do complexo e muitas vezes, difícil diálogo entre a teoria e os dados, exposto no trabalho, que nenhum dos modelos tipológicos testados (Greenberg, Vennemann, Hawkins, Lehmann, Klimov) parece haver atingido o objetivo de explicar, com precisão empírica e coerência interna, as harmonias de ordem vocabular e os sistemas variados de marcação de caso que os estudos descritivos têm revelado. Em resumo, o desiderato de obter adequação descritiva e explicativa não parece poder ser atingido nos limites do quadro conceitual da tipologia sintática e de marcação de casos.

O “mergulho” de vários anos nos modelos tipológicos permitiu, no entanto, uma primeira descrição da língua Javaé e indicou dois caminhos: a busca de uma teoria com maior poder explicativo e o de uma lingüística que permitisse relacionar os dois subcomponentes da faculdade humana de linguagem: o sistema de representação e o de acesso. O primeiro caminho me levaria à teoria gerativa; o segundo, à psicolingüística. A teoria gerativa já me havia sido sinalizada com entusiasmo em cursos da professora Miriam Lemle, membro de minha banca no mestrado. A psicolingüística havia sido primeiro entrevista nos estudos tipológicos de Hawkins, que busca motivar as harmonias entre padrões de ordem vocabular nas línguas, através de princípios tais como, por exemplo, o princípio de “seriação por peso”, que é explicado em termos da facilidade de processamento relacionada à posição pré-nominal dos modificadores mais leves e à posição pós-nominal dos modificadores mais pesados. Este posicionamento facilitaria o

reconhecimento dos núcleos - procedimento fundamental para a compreensão das frases - e exigiria também menor carga de memória. A busca desses novos caminhos me levará, em seguida, ao doutorado na *University of Southern California – USC* onde, na época, encontrava-se o próprio Jack Hawkins, tipologista interessado em psicolingüística, além do tipologista Bernard Comrie, ambos referências importantes no livro sobre o Javaé; psicolinguistas como Maryellen MacDonald, Mark Seidenberg e James Paul Gee, além de expoentes do modelo de Regência e Ligação da teoria gerativa, como Joseph Aoun, Jean Roger Vergnaud, Maria Luiza Zubizarreta.

Antes de iniciar o programa de doutorado nos Estados Unidos, participei de congressos no Brasil, apresentando não só os resultados da pesquisa sobre o Karajá e o Javaé, mas também um estudo em colaboração, comparando aspectos da tipologia de ordem vocabular do Karajá, com outras línguas do mesmo tronco lingüístico:

Araújo, L., Maia, M. & Pereira, M.G. (1983). *Apinayé, Gavião, Karajá - um esboço tipológico* (em colaboração com Maria das Graças Dias Pereira e Leopoldina Araújo). Trabalho completo publicado nos Anais do VIII Encontro Nacional de Lingüística, p. 57-67, PUC, RJ.

Maia, M. (1987). A cisão do sujeito intransitivo em Javaé. Resumo publicado nos Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL, Rio de Janeiro, p. 176.

Paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa para o mestrado, passei a envolver-me com a educação escolar indígena desde a primeira viagem de campo, quando passei um mês na aldeia Javaé do Boto Velho, para a coleta de dados lingüísticos. A aldeia Javaé de Boto Velho (*Inywèbòhòna*)<sup>1</sup>, está

---

<sup>1</sup> O nome deriva de *iny* "gente", *wèe* "barriga", *bòhò* "quebrar", na "nominalizador". Em tradução livre: aldeia onde foi quebrada a barriga da gente. Tal nome decorre do significado mítico de um local próximo às roças da aldeia, onde existem três grandes depressões que seriam um dos berços míticos dos grupos Karajá e Javaé.

situada na parte norte da Ilha do Bananal, próxima da localidade de Barreira da Cruz (TO), na confluência do Rio Formoso com o Rio Javaés. A aldeia tinha uma população de aproximadamente sessenta pessoas, mas havia sido excluída dos limites do Parque Indígena do Araguaia por decreto de 1980. A maioria dos homens era bilíngüe, expressando-se em Português com graus variados de fluência. As mulheres e crianças, com raras exceções, eram monolíngües, revelando, apenas, em alguns casos, um conhecimento passivo da língua portuguesa. Em julho de 1983, por ocasião de nossa primeira visita à aldeia, Lucirene Behederu, filha do cacique João Wataju solicitou a mim e ao antropólogo André Amaral de Toral que a assistíssemos na organização de um programa de alfabetização bilíngüe que incluísse, em uma primeira etapa, as crianças e adolescentes e fosse, posteriormente, estendido aos adultos. Fixada no local desde a década de quarenta, a comunidade, à exceção de um período de seis anos (1973-1979), em que foi obrigada a se transferir para o Posto Indígena Canoanã, jamais recebera por parte da FUNAI qualquer assistência educacional. Assim, antes de deixarmos a aldeia, no final do mês de julho, acertamos que Lucirene viria ao Rio de Janeiro em outubro do mesmo ano para a realização de treinamento e elaboração da metodologia, programação e material do curso. Com a vinda de Lucirene ao Rio, demos início à organização do programa, que incluía atividades de reflexão oral, leitura e escrita. Elaboraram-se um guia metodológico bilíngüe, cartazes, apostilas de exercícios e, posteriormente, com o apoio da ONG inglesa "Oxfam", uma cartilha Javaé. Em julho de 1984, retornamos à aldeia por mais um mês a fim de recolher novos dados lingüísticos, avaliar a primeira etapa do projeto de alfabetização e supervisionar a organização da segunda fase. Posteriormente, entre 1986 e 1989, logo após a defesa do mestrado, fui

contratado como pesquisador do Museu do Índio da Funai-RJ, onde pude dar prosseguimento ao projeto, continuando a realizar pesquisas lingüísticas, além de participar ativamente da organização de um encontro de professores indígenas de nove aldeias Karajá e Javaé e, junto com Ruth Montserrat e Nieta Lindenberg Monte, organizar também o I Encontro Nacional de Educação Indígena, no Rio de Janeiro, em 1997. Desenvolvi ainda, nesse período, um projeto aprovado e financiado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação – INEP, com o fim de realizar um levantamento da situação educacional da etnia Karajá. Além da cartilha já mencionada, os resultados dessas atividades foram publicados nos seguintes artigos em periódicos:

Maia, M. & Toral, A. (1983). Situacion Problematica del pueblo Javae. Boletin del Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indigenas (IWGIA), volume 3, octubre/diciembre, p. 44-48.

Maia, M. (2001). Werè Tyryritina: Alfabetização na Língua Javaé. Revista da Anpoll, n. 11, p. 187-201, jul/dez.2001, ISSN 1414-7564, FFLCH/USP, São Paulo.

Maia, M. (2001). Representações da Educação Karajá. Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 75, p. 149-173. Campinas: CEDES, ISSN 0101-7330.

Como pesquisador do Museu do Índio, participei como representante daquela unidade da Funai, do grupo de pesquisadores e instituições consultados para a elaboração do Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras para o CNPq/Finep entre 1986 e 1988.

Em 1989, iniciei o programa de doutorado em Lingüística na *USC*, em Los Angeles com bolsa do CNPq e, posteriormente, também como assistente de ensino do Departamento de Espanhol e Português da *USC*. Sob a orientação de Joseph Aoun, escrevi um trabalho analisando comparativamente as propriedades da categoria vazia em posição de objeto em português brasileiro e europeu, utilizando como quadro de referência a teoria da



Regência e Ligação. Parte desse trabalho foi apresentado no *XXIV Linguistic Symposium of Romance Languages – LSRL*, em Los Angeles. Alguns anos mais tarde, o trabalho foi também revisto e publicado no Brasil:

Maia, M. (1997). A Formal Explanation for a Case of Variation between Brazilian Portuguese and European Portuguese. Artigo publicado na *Revista da ANPOLL*, nº 3, p. 135-164, 1997.

Com base em algumas das análises propostas nesse trabalho, mas já da perspectiva do processamento psicolingüístico, produzi, em seguida, um estudo, orientado por Maryellen MacDonald, que viria a ser desenvolvido na tese de doutorado. Esse estudo reportava dois experimento psicolingüísticos (*priming* inter-modal e julgamento imediato de aceitabilidade) sobre a compreensão de frases com objeto nulo com antecedentes em posição de sujeito ou de tópico em português brasileiro. O trabalho foi aceito pelo principal congresso de processamento de frases dos Estados Unidos, o *CUNY Sentence Processing Conference* que, em seu sexto ano, foi realizado em Massachusetts, onde o apresentei, em março de 1993:

Maia, M. & MacDonald, M. (1993). The Comprehension of Pronouns and Empty Categories in Object Position in Brazilian Portuguese” (em colaboração com Maryellen MacDonald). 6th Annual CUNY Sentence Processing Conference, University of Massachusetts (Amherst/EUA), 1993.

A tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em Lingüística da USC versou sobre a compreensão da categoria vazia e do pronome lexical de terceira pessoa em posição de objeto em português brasileiro (PB). Os resultados dos dois experimentos psicolingüísticos demonstraram que o processamento da categoria vazia e do pronome lexical em PB é consistente com a ideia central da Condição dos Pronomes Abertos (*Overt Pronoun Constraint -OPC*) proposto por Montalbetti (1984), segundo a qual, nas línguas que permitem a alternativa da categoria vazia,

esta especializa-se pela interpretação vinculada, ficando o pronome aberto restrito à interpretação correferencial. A partir de resultados experimentais, propõe-se que o pronome lexical e a categoria vazia em posição de objeto em PB adotam estratégias distintas de recuperação anafórica. Argumenta-se ainda que os resultados dos experimentos são relevantes para diversos tópicos de interesse central da psicolinguística e da teoria linguística: a realidade psicológica das categorias vazias, o papel das estruturas gramaticais na teoria da reativação, a estratégia do antecedente mais recente, o efeito do tópico discursivo na resolução da referência e o acesso imediato do mecanismo de processamento de frases à informação sobre a estrutura argumental dos predicados. Parte da tese foi publicada na forma de um capítulo de livro, lançado pela *Georgetown University Press*, em 1996:

Maia, M. (1996). The Comprehension of Object Anaphora in Brazilian Portuguese. In C.Parodi, A.C.Quicoli, M. Saltarelli & M.L.Zubizarreta (eds) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U.Press, 1996, p.293-311.

As idéias centrais da tese também foram publicadas em periódicos na França e no Brasil, além de apresentadas em palestra que fiz na Universidade de *Stuttgart*, Alemanha, a convite de Ian Roberts, naquela ocasião, professor em *Stuttgart*:

Maia, M. (1997). The Processing of Object Anaphora in Brazilian Portuguese. Artigo publicado em *Recherches Linguistiques de Vincennes* nº 26, p.151-172, França.

Maia, M. (1997). A Compreensão da Anáfora Objeto no Português do Brasil. Artigo publicado na *Revista Palavra*, nº 4, p. 58-76, PUC/RJ.

Maia, M. The Lexical Access in Syntactic Parsing: Experimental Evidence from Brazilian Portuguese. Palestra no Departamento de Linguística da Universidade de Stuttgart, Alemanha, no dia 16 de outubro de 1997.

Avalio que o doutorado nos Estados Unidos foi de fundamental importância para que pudesse aprofundar os dois caminhos sugeridos a partir do trabalho de mestrado no Brasil: o estudo da teoria gramatical e de sua interface com a psicolinguística, ampliando a minha formação inicial na linguística tipológica e de campo, para as dimensões da linguística formal e experimental. Foram também os anos nos Estados Unidos que me possibilitaram travar conhecimento mais direto com a área fascinante das Ciências Cognitivas, através da participação em seminários, congressos e institutos, onde tive a oportunidade de assistir a conferências de linguistas como Noam Chomsky, Morris Halle, Steve Pinker, Janet Fodor, Lyn Frazier, David Marslen-Wilson, Tim Stowell, Tom Bever e vários outros.

De volta ao Brasil, fui aprovado no concurso para professor da disciplina Linguística em vaga no Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, em fevereiro de 1994. Pude, então, dar prosseguimento às pesquisas sobre o processamento de frases em português e retomar o estudo de línguas indígenas, principalmente da língua Karajá.

Em 1996, produzi uma primeira análise da estrutura oracional em Karajá, baseado em Chomsky (1991, 1992) que desenvolve as propostas de Pollock (1989) de que o nó Flex fosse constituído por projeções separadas das categorias funcionais de Tempo, Negação e Concordância (Agr), analisando o sistema de concordância como sendo formado pela projeção de dois sintagmas funcionais, a saber, AgrSP e AgroP. Duas possibilidades eram consideradas em Chomsky (1992) para explicitar a combinação entre V e seus afixos: a teoria construtivista e a teoria de checagem. De acordo com a primeira, os afixos seriam adquiridos na sintaxe pelos verbos não flexionados através de movimentos do tipo  $X^{\circ}$  de V para o núcleo das categorias funcionais relevantes. A teoria de checagem, por outro lado,

propõe que os verbos fossem inseridos na sintaxe completamente flexionados, apenas checando seus morfemas flexionais contra os traços correspondentes das categorias funcionais para as quais se movem. Uma terceira possibilidade foi aventada por Mitchell (1994), para tratar de casos de concordância que exibem morfologia fusional, a de que a concordância não constitui um nó funcional, mas uma categoria relacional. Neste trabalho, procedi a uma revisão dos critérios caracterizadores dessas três hipóteses, buscando avaliar a sua aplicabilidade na análise da língua Karajá (família Karajá, tronco Macro-Jê). O trabalho foi apresentado, em janeiro de 1996, em sessão da *Society for the Study of Indigenous Languages of the Americas*, no congresso da *Linguistic Society of America*, na *University of California*, Sand Diego e, em seguida, publicado no periódico *Kansas Working Papers in Linguistics*:

Maia, M. (1996). Verb Agreement and the Structure of the Clause in Karaja. Trabalho apresentado no encontro anual da SSILA - Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas - realizado em San Diego, EUA.

Maia, M. (1997). Verb Agreement and the Structure of the Clause in Karaja. Artigo publicado na *Kansas Working Papers in Linguistics - KWPL*, vol. 22, nº 2, *Studies in Native American Languages IX*, p. 53-66, EUA.

O tema dos nós de concordância de sujeito e de objeto (AgrS e AgrO) veio também a ser explorado em dois trabalhos de que participei, como primeiro autor, em colaboração com linguistas do Museu Nacional, permitindo a comparação dessas estruturas nas línguas Karajá, Kuikúro, Guarani, Tikuna:

Maia, M., Franchetto, B. Leite, Y., Soares, M.F. & Vieira, M.D. (1998). Comparação de Aspectos da Gramática em Algumas Línguas Indígenas Brasileiras. *Revista D.E.L.T.A.* nº 14.2, p. 349-375, 1998.

Maia, M., Franchetto, B. Leite, Y., Soares, M.F. & Vieira, M.D. (1999). A Estrutura da Oração em Línguas Indígenas Brasileiras (em colaboração com Yonne Leite, Bruna Franchetto, Marília Facó Soares e Márcia Damaso Vieira). *Revista D.E.L.T.A.* 15.1, p. 1-26, 1999.

Comparam-se nesses artigos um conjunto de fatos relacionados à interface sintaxe/morfologia nessas quatro línguas indígenas. Investiga-se o papel das categorias funcionais na derivação da estrutura básica da oração nessas línguas e discutem-se os problemas que se colocam para a linearização da ordem SOV, propondo-se análises alternativas. A primeira conclusão a que se chegou diz respeito à questão que se propôs introdutoriamente como central: a adequação do modelo de Chomsky (1993) face aos dados de quatro línguas indígenas brasileiras. No que se refere à linearização da ordem SOV, há, como se procurou demonstrar no estudo, evidências em toda as línguas indígenas examinadas para a postulação de uma categoria funcional acima de SV, ativa na sintaxe. A postulação desta categoria como tendo o conteúdo de AgrO, conforme proposto em Chomsky (1993), revelou-se, no entanto, problemática nas quatro línguas, já que em todas elas há evidências contrárias à pressuposição da indivisibilidade do sistema de concordância na Gramática Universal. Chomsky (1993) assume que o conjunto de traços de AgrS é o mesmo de AgrO. Assim, por exemplo, se AgrO tem traços fortes, AgrS também os deveria ter. Entretanto, como se demonstra no artigo, as quatro línguas têm razões para distinguir o comportamento sintático de AgrS do de AgrO. Apontamos também que se encontra, na literatura gerativa, base conceitual em favor da diferenciação entre os sistemas de concordância de sujeito e de objeto. Murasugi (1994), por exemplo, propõe uma condição sobre a especificação de traços (*Feature Specification Constraint*) que prevê que os traços de AgrO possam ser menos especificados do que os de AgrS.

Ainda na linha de estudos gramaticais de línguas indígenas brasileiras, comecei em 1997 um estudo sobre construções do tipo QU em Karajá. A primeira versão do trabalho sobre o Karajá foi inicialmente apresentada no

16<sup>th</sup>. International Congress of Linguists, em Paris, sendo, uma versão revisada, posteriormente, apresentada no Congresso da SSILA/LSA, em Chicago, nos Estados Unidos. Saíram também publicações em periódicos no Brasil e nos Estados Unidos. Anos mais tarde, uma versão revista e ampliada para outras construções com impacto na periferia esquerda da oração foi também publicada como capítulo do livro intitulado *Information Structure in Indigenous Languages of the Americas: Syntactic Approaches*, organizado por Liliana Sanchez e Jose Camacho, para a *Mouton De Gruyter*, nos Estados Unidos:

Maia, M. (1997). Notes on Karaja Clause Structure. Trabalho apresentado no XVI Congrès International de Linguistes", realizado em Paris, França, entre os dias 21 e 24 de julho de 1997. Publicado na íntegra nos Proceedings of the 16<sup>th</sup>. International Congress of Linguists, ISBN 0 08 043 438X. Pergamon, Oxford, Paper nº 0448.

Maia, M. (2000). Wh-type constructions in Karaja. Comunicação apresentada no Encontro Anual da SSILA – Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas, realizado em Chicago, EUA, entre os dias 6 e 8 de janeiro de 2000. Publicado resumo no "Meeting Handbook", p. 85.

Maia, M. (2000). Palavras interrogativas em Karajá. Revista Laços (ASSEL-RJ), nº 1, p. 91-110, 2000.

Maia, M. (2000). Wh-type constructions in Karaja. Artigo publicado na Kansas Working Papers in Linguistics - KWPL, vol. 25, nº 2, Studies in Native American Languages, p. 21-36, EUA, 2000.

MAIA, M. A. R.. The structure of CP in Karaja. In: Camacho, José; Gutiérrez-Bravo, Rodrigo; Sánchez, Liliana. (Org.). Information Structure in Indigenous Languages of the Americas: Syntactic Approaches. : Mouton De Gruyter, 2010, v. , p. 185-208.

Posteriormente também produzi um estudo comparativo dessas estruturas QU, nas línguas Kayapó e Manxineri em colaboração com outros dois pesquisadores, à época alunos do curso de especialização em línguas indígenas do Setor de Lingüística do Museu Nacional, hoje professores universitários.

Maia, M., Salanova, A. & Lanes, E. (2000). La Sintaxis de las interrogativas en Karajá, Kayapó y Manxineri" (em colaboração com Andrés P. Salanova e Elder J. Lanes). In: Hein van der Voort &

Simon van de Kerke (eds.), *Essays on Indigenous Languages of Lowland South America*, Leiden: CNWS Publications, vol 1, 2000, ISSN 1567-813X), ISBN: 90-5789-044-5, p. 297-308.

Nesse último trabalho, procurou-se descrever comparativamente os conjuntos de palavras interrogativas das línguas Karajá, Kayapó e Manchineri e analisar-se suas características morfológicas e sintáticas com o objetivo de tentar estabelecer uma tipologia das expressões interrogativas nas três línguas, tomando-se como referência a teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky & Lasnik (1993), Chomsky (1995)). Nos trabalhos sobre o Karajá especificamente aprofundamos a análise das construções interrogativas daquela língua, procurando integrá-las à análise de outras construções gramaticais instanciadas na chamada periferia esquerda da frase para usar a terminologia de Rizzi (1997), que propõe uma expansão do sistema de complementização da Gramática Universal. Sobre esse tema mais amplo de análise da estrutura da periferia esquerda em línguas indígenas, fiz uma palestra na UFJF e publiquei um artigo na Revista Veredas, analisando, ao lado das construções interrogativas, construções de tópico e foco:

Maia, M. (2000). A Estrutura de CP em Karajá no dia 30 de novembro de 2000 no 4º Simpósio de Estudos Lingüísticos e Literários promovido pelo Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, de 28 a 30 de novembro de 2000.

Maia, M. (2000). Construções do tipo QU em Karajá. Artigo publicado na Revista Veredas, vol 4, número 2 – Julho/Dezembro 2000, p. 43-59, ISSN 1415-2533, Editora da UFJF, 2000.

Perseguindo ainda a descrição e análise da periferia esquerda da oração em Karajá, mas adotando uma perspectiva mais abrangente, escrevi também um estudo sobre a categoria do mediativo nesta língua, analisando diversas partículas evidenciais, além de um sistema de marcação da dêixis espacial e empática codificado em suas formas verbais. Este trabalho foi apresentado em um encontro de línguas jê, no Paraná, tendo também

saído publicado como capítulo de livro no Brasil e tendo uma versão revista e ampliada aparecido, posteriormente, como capítulo em livro editado na França:

Maia, M. Evidentiality Processes in Karajá. In: Jon Landaburu & Zlatka Guentcheva. (Org.). L'ENONCIATION MEDIATISEE II - Le traitement épistémologique de l'information : illustrations amérindiennes. Louvain - Paris: Peeters, 2007, v. II, p. 293-308.

Maia, M. (2002). O Mediativo em Karajá. In: Ludoviko Santos & Ismael Pontes (orgs.), Línguas Jê: Estudos Vários. Londrina: Ed. UEL, 2002, ISBN 85-7216-347-6, p. 147-173.

Sobre o fenômeno da dêixis espacial e empática em Karajá, fiz também palestras em seminários na Universidade de Paris VII, em 1997, ocasião em que viajei à França em missão acadêmica ligada ao projeto “Rede franco-brasileira de estudos de línguas indígenas (CAPES-COFECUB)”:

Maia, M. (1997). Ministrou a palestra “Deixis Directionnel et Empathique en Karaja” no RIVALC/CNRS e no Departamento de Lingüística da Université de Paris VII - Denis Diderot, em Paris, França, respectivamente nos dias 9 e 20 de outubro de 1997.

Na área da educação indígena, tenho participado há vários anos de projetos de organização de dicionários indígenas, havendo colaborado com a organização de um léxico Karajá de cerca de 400 itens, parte da série “Intercontinental Dictionary Series”:

Maia, M. (2001). Colaborador no Projeto *Intercontinental Dictionary Series*, coordenado pela Profa. Mary Ritchie Key da University of California, Irvine, em 2001.

Particpei também, trabalhando com Ijeseberi Karajá, da organização do vocabulário Karajá, parte de CD-ROM lançado pelo Museu do Índio:

Maia, M. Vocabulário básico da língua Karajá. Coleta, transcrição e tradução de dados da língua Karajá junto a Ijeseberi Karajá para o CD-ROM produzido pelo Museu do Índio – FUNAI, RJ, Vocabulário Básico de Línguas Indígenas Brasileiras, lançado em 2004, pelo Museu do Índio, com apoio da UNESCO.

Publiquei ainda os seguintes artigos, discutindo questões relativas à organização de dicionários de línguas indígenas brasileiras:

Maia, M. (2000). O Projeto do Dicionário Enciclopédico da Língua, da Cultura e da História Karajá.



Maia, M. & Fialho, M.H. (2001). Problemas e Soluções do Dicionário Karajá . Em colaboração com Maria Helena Fialho. Comunicação apresentada na mesa redonda “A produção de dicionários em línguas indígenas”, no dia 11 de outubro de 2001, durante o I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho de línguas indígenas brasileiras, ocorrido na UFPA, em Belém (PA), entre os dias 8 e 12 de outubro de 2001. Publicado na íntegra nas Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL, Tomo I, Ed. Universitária UFPA, Belém, p. 118-132. ISBN 85-2470225-7.

Maia, M. (2003). A Multilingual encyclopedic dictionary project as a language maintenance tool in Brazil's first indigenous higher education program. Comunicação apresentada na International Conference on Language in the Era of Globalization, organizada pela American Society of Geolinguistics e realizada no Baruch College – The City University of New York – CUNY, entre os dias 2 e 4 de outubro de 2003. A aparecer nas Atas do Congresso.

Maia, M. (2004). Apresentação do Vocabulário Umutina - Boletim do Museu do Índio/FUNAI - Documentação no. 10 Abril, 2004. Rio de Janeiro/RJ (ISSN 0101-0484).

Desde 1995, sou pesquisador do CNPq, com bolsa de produtividade em pesquisa, tendo tido vários projetos aprovados e renovados. No momento, tive novo projeto recentemente aprovado para bolsa de produtividade no período 2016-2020 e pleiteio reclassificação de pesquisador nível 1C para nível 1B. Coordeno, desde 2001, o grupo de pesquisa Laboratório de Psicolinguística Experimental – LAPEX (CNPq/UFRJ). Fui contemplado por duas vezes como coordenador de projetos submetidos ao Edital Universal do CNPq e, em 2015, tive o projeto “O Processamento da Recursividade e da Complexidade Estrutural: Aportes para a Psicolinguística Teórica e Educacional” aprovado no Edital Cientistas do Nosso Estado da FAPERJ. Tenho também participado de vários cursos de extensão na Faculdade de Letras e no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ.

Desde a primeira visita a uma aldeia indígena em 1983, fiz cerca de 50 viagens de pesquisa de campo a diferentes populações indígenas brasileiras, tendo coletado materiais lingüísticos e pedagógicos em papel,

áudio e vídeo. Além dos estudos sobre questões mais estritamente gramaticais, em algumas dessas viagens a campo, tive a ocasião de assistir e registrar a prática de um gênero de fala comum entre vários povos indígenas do Brasil central, o choro ritual, que documentei e analisei entre os Karajá da aldeia de Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal, tendo apresentado e publicado esses estudos em congressos na Argentina:

Maia, M. (1996). Ibru - el llanto ritual Karajá. Trabalho apresentado nas Segundas Jornadas de Etnolingüística, realizadas na Universidad Nacional de Rosario, Argentina entre os dias 2 e 4 de outubro de 1996. Trabalho publicado na íntegra nas Actas de las II Jornadas de Etnolingüística, Tomo I, Universidad Nacional de Rosario, Argentina, p. 95-102.

Maia, M. (1997). “Poética Oral Karajá: Los Ibruhuky” Trabalho apresentado na sessão “Etnografía del Habla”, durante as III Jornadas de Linguística Aborigen, realizadas na Universidade de Buenos Aires, Argentina, entre os dias 20 e 23 de maio de 1997. Publicado na íntegra nas Actas III Jornadas de Lingüística Aborigen, Buenos Aires, Instituto de Lingüística, UBA, 1997, p. 435-442.

O primeiro trabalho documenta e analisa a lamentação individual que pode ter a duração de vários dias, realizada pelas mulheres Karajá, após o falecimento de familiares. O segundo trabalho analisa o “choro grande”, lamentação masculina, gravada com o ancião já falecido Wataú Karajá e que é entoada durante ritos de passagem na sociedade Karajá. Entre vários desses cânticos lamentativos, gravei, transcrevi, traduzi e analisei, com a ajuda de informantes indígenas, em trabalhos de campo, os alusivos à iniciação dos meninos, à iniciação das meninas, à morte de guerreiro, à realização da tatuagem tribal Karajá, os que apressam a morte de moribundos, etc.

Na área da educação escolar indígena, tenho também publicado estudos discutindo e analisando atividades do projeto do Terceiro Grau Indígena, em Mato Grosso, de que fui docente e consultor entre os anos 2000 e 2007:

Maia, M. (2003). Oficina do Período: uma proposta para o ensino de português no 3º Grau Indígena”. Cadernos de Educação Escolar Indígena, nº 2, julho de 2003, p. 77-85. Barra do Bugres, MT: Unemat. ISSN 1677-0277.

Maia M. Uma mente, duas línguas: reflexões sobre a transferência de padrões de ordem vocabular em textos de falantes indígenas bilíngües. Cadernos de Educação Escolar Indígena, Barra do Bugres, MATO GROSSO, v. 4, n.1, p. 52-65, 2005.

Neste último artigo, faço uma abordagem do fenômeno conhecido como transferência de padrões sintáticos entre línguas, que procura integrar de alguma forma, aspectos das diferentes áreas da linguística em que venho atuando: o estudo da ordem vocabular, o processamento do bilinguismo e a educação indígena. Uma tentativa anterior de aproximação entre os estudos de línguas indígenas e os estudos de processamento de frases já havia sido levada a efeito em um estudo apresentado em palestra que fui convidado a fazer no Departamento de Linguística da PUC, resultando daí um artigo que saiu publicado na Revista PaLavra, que é apresentado pelo editor do volume (um número especial sobre estudos de Processamento), como sendo, provavelmente, o primeiro estudo psicolingüístico realizado com falantes de uma língua indígena brasileira. Posteriormente, orientei sobre o tema a dissertação de Mestrado de Cristiane de Oliveira, que reporta resultado de experimentos de *priming* realizados com falantes Karajá, testando a sua compreensão de orações com ambigüidade correferencial, demonstrando que a informação dêitica influencia a resolução da correferência nessa língua. Este trabalho também foi publicado em artigo em periódico.

Maia, M. (1999). Ministrou a palestra “A Compreensão das Relações Espaciais na Língua Karajá”, dentro da programação dos Colóquios de Linguística da PUC-RJ, em 28 de abril de 1999.

Maia, M. A (2000). Compreensão de Relações Espaciais em Karajá. Revista PaLavra, vol. 6, p. 154-165, Ed. Trarepa, Petrópolis, ISBN 1413-7763, 2000.

OLIVEIRA, Cristiane de ; MAIA, M. A. R. . O processamento da dêixis e da correferência em Karajá. Veredas (UFJF. Online), v. 1, p. 351-366, 2011.

As especialidades do processamento de frases e da sintaxe experimental continuam a receber grande parte de minha atenção nos últimos anos. Essas pesquisas tem se realizado no âmbito do grupo de pesquisa que coordeno, o LAPEX – laboratório de psicolingüística experimental (CNPq/UFRJ) desde 2001. Vários desses estudos estão resenhados na introdução e publicados como capítulos no livro que organizei com Ingrid Finger (PUC/Pelotas), que tem sido reconhecido como o primeiro livro na área de Processamento da Linguagem editado no Brasil

Maia, M. & Finger, I. (2005). Processamento da Linguagem. Organização geral e introdução em colaboração com Ingrid Finger e co-autoria em capítulos. Porto Alegre: Educat, 2005. 535p.

Tomando como ponto de partida a história “O Zelador do Labirinto”, de Luis Fernando Veríssimo, faz-se uma breve apresentação do modelo *Garden-Path* (TGP), que fornece o quadro teórico de referência para a maioria dos artigos que compõem o livro, contrastando-o com o connexionismo. Destacam-se, nessa revisão, além das estratégias de *parsing* que caracterizam o modelo TGP, questões centrais da área, abordadas nos artigos, tais como o curso temporal do processamento, a autonomia do processador sintático e o processamento da correferência anafórica. Apresentam-se, em seguida, os artigos, organizados nas cinco seções em que se divide o livro: O Princípio da Aposição Local e o Processamento de Orações Relativas, O Princípio da Aposição Mínima, O Processamento da Concordância e da Co-Referência, O Processamento Fonológico, Métodos e Modelos em Processamento.

A seção I do livro apresenta oito artigos sobre um dos temas, reconhecidamente, mais interessantes em psicolingüística nas últimas décadas, a crise do princípio da Aposição Local, motivada pelo estudo seminal de Cuetos & Mitchell (1988), comparando o processamento de orações relativas (OR) em inglês e espanhol. Nesse estudo, Cuetos & Mitchell descobriram, através da aplicação de questionários e de experimentos de leitura automonitorada, que a compreensão de orações adjetivas restritivas ambíguas entre uma aposição ao núcleo mais alto (N1) ou ao SN mais local (N2), em um SN complexo, variava significativamente entre inglês e espanhol. A primeira seção do livro apresenta um conjunto representativo de estudos focalizando a compreensão de orações relativas em português brasileiro (PB), pretendendo contribuir de forma decisiva para a classificação do PB, corrigindo um possível equívoco surgido na literatura internacional recente sobre a questão. Entre os capítulos em colaboração com outros pesquisadores, destacamos os seguintes:

Maia, M., Maia, J. (2005). A Compreensão de Orações Relativas por Falantes Monolíngües e Bilíngües de Português e de Inglês. Em colaboração com Juliana Meyohas Maia. In: Maia, M & Finger, I. *Processamento da Linguagem*. Porto Alegre: Educat. p. 163-178.

Lourenço-Gomes, M., Maia, M. & Moraes, J. (2005). Prosódia Implícita na Leitura Silenciosa: Um Estudo com Orações Relativas Estruturalmente Ambíguas. Em colaboração com Maria do Carmo Lourenço-Gomes e João Moraes. In: Maia, M & Finger, I. *Processamento da Linguagem*. Porto Alegre: Educat. p. 131-163.

O primeiro artigo apresenta um estudo sobre uma questão que tem se tornado conhecida na literatura como “uma mente, duas línguas”, praticamente até então inexplorada no Brasil da perspectiva do processamento psicolingüístico. Reporta um estudo baseado em questionários, focalizando a compreensão de orações adjetivas restritivas ambíguas por falantes nativos e não nativos de português e de inglês, com

o objetivo de obter uma avaliação preliminar das possíveis interferências entre estratégias de processamento nessas línguas. Seus resultados indicaram que os falantes monolíngües de português e de inglês apresentam preferências significativas pelas posições alta e baixa da OR, respectivamente, mas que essas preferências não estão instanciadas nas segundas línguas dos falantes bilíngües. Esses resultados são interpretados como indicativos de que as estratégias de processamento da primeira língua dos bilíngües possam ter-se tornado solidificadas, passando a influenciar o processamento do *input* da sua segunda língua. Objeto da dissertação de mestrado de Juliana Meyohas Maia, por nós orientada, a questão continuou a ser explorada no doutorado da aluna, que foi aceita, posteriormente, no programa de pós-graduação em Ciências Cognitivas da *Concordia University*, no Canadá, fazendo uma ponte entre o *Psycholinguistics and Cognition laboratory*, coordenado pelo Prof. Roberto de Almeida, orientador da aluna, na *Concordia University* e o laboratório que coordeno na UFRJ, o Lapex. Visitei o laboratório do professor Roberto Almeida na *Concordia University* em 2004, tendo feito a seu convite a seguinte palestra:

Maia, M. (2004). "Relative Clause Attachment in Brazilian Portuguese – a survey" no dia 22 de julho de 2004 no Psycholinguistics and Cognition Laboratory da Concordia University, em Montréal, Canadá.

O capítulo "Prosódia Implícita na Leitura Silenciosa: Um Estudo com Orações Relativas Estruturalmente Ambíguas" apresenta uma explicação para a preferência de posição alta da oração relativa em PB, baseada na hipótese da prosódia implícita de Fodor (2002), trabalho traduzido especialmente para o livro. É um desdobramento da dissertação de mestrado de Lourenço-Gomes, sob a orientação e coorientação dos dois outros autores, respectivamente. O artigo apresenta, inicialmente, um

estudo de produção oral de ORs longas e curtas com aposição alta ou baixa que parece indicar a existência de duração maior da sílaba tônica do substantivo precedendo imediatamente as ORs longas do que do substantivo precedendo imediatamente as ORs curtas. Com a finalidade de estabelecer se essas quebras prosódicas capturadas na produção oral podem de fato ser relevantes na leitura silenciosa, os autores aplicam dois experimentos de julgamento imediato de compatibilidade em que sujeitos leram períodos contendo ORs curtas e longas e julgaram se frases subseqüentes, correspondendo a aposições altas ou baixas, representavam afirmações adequadas sobre as frases precedentes. Em um dos experimentos, as frases-alvo foram apresentadas integralmente na tela e no outro as mesmas frases foram apresentadas em quatro segmentos não cumulativos. Conforme predito pela Hipótese da Prosódia Implícita, detectaram-se interações significativas entre o comprimento das ORs e os índices de aceitação das aposições alta e baixa, observando-se maior aceitação das ORs longas apostas aos SNs altos do que aos SNs baixos e maior aceitação das ORs curtas quando apostas aos SNs baixos do que aos altos. Os autores interpretam esses resultados como sugerindo que a segmentação fornece um excesso de pistas para as fronteiras prosódicas, levando os leitores a tratar cada fronteira de segmento como sinalizando uma fronteira prosódica, exatamente como predito pela Hipótese da Prosódia Implícita. Este trabalho foi apresentado por mim em congresso de processamento de frases realizado na University of Maryland, EUA, em março de 2004:

Maia, M., Lourenço-Gomes, M. & Moraes, J. (2004). Prosody and Attachment in Brazilian Portuguese. (Trabalho em colaboração com Maria do Carmo Lourenço-Gomes e João Moraes). Poster apresentado na 17ª Annual Cunny Conference on Human Sentence Processing, realizada na University of Maryland entre 25 e 27 de março de 2004. Publicado resumo no boletim do congresso, página 96.

O estudo da hipótese da prosódia implícita levou-me a realizar um estágio de pós-doutorado no Centro de Pós-graduação em Lingüística da *City University of New York – CUNY*, junto ao grupo de pesquisa de Janet D. Fodor, entre 2003 e 2004.

O estágio de pós-doutorado na *CUNY* permitiu estabelecer relações de pesquisa não só com a professora Janet D. Fodor, mas também com a Profa. Eva Fernández, especialista sobre o processamento do bilingüismo, com quem realizei pesquisa em colaboração, além de enviar alunos ao Queens College, em estágio doutoral de sanduíche. O artigo abaixo mencionado reporta resultados de pesquisa realizada com a participação da Profa. Eva Fernández, de Maria do Carmo Lourenço-Gomes e da Profa. Armanda Costa, da Universidade de Lisboa, com quem também vim a desenvolver pesquisa comparativa entre o processamento de frases em português brasileiro e europeu:

Maia, M., Costa, A., Fernández, E. & Lourenço-Gomes, M. (2004). A compreensão de orações relativas ambíguas em português brasileiro e europeu – um estudo comparativo. *Revista da ABRALIN*, vol. III, no 1, p. 8-37, julho de 2004.

Após o retorno ao Brasil, além das atividades regulares de ensino, extensão, pesquisa e orientação, destaco que ministrei curso no XVII Instituto Internacional de Lingüística da ABRALIN com a professora Eva Fernández (CUNY), organizei o I Workshop de Processamento da UFRJ e representei o GT de Psicolingüística da ANPOLL no XX Encontro Nacional desta associação:

Maia, M. & Fernández, E. (2005). Curso “Teorias e Métodos em Processamento de Frases”, com duração de 30 horas (2 créditos), em colaboração com a Profa. Eva Fernández, no XVII Instituto Internacional de Lingüística da ABRALIN, realizado na UnB, Brasília, entre 11 e 25 de março de 2003.



Maia, M. (2005). Organizador do Workshop de Processamento, realizado pelo programa de pós-graduação em Lingüística da UFRJ, entre 25 e 28 de abril de 2005, na sala F-329 da Faculdade de Letras da UFRJ, com a participação de professores e alunos da UFRJ, PUC-RJ e Concordia University, Canadá.

Maia, M. (2005). Representante do Coordenador do GT de Psicolingüística e do Setor de Lingüística do Museu Nacional no XX Encontro Nacional da ANPOLL, realizado na PUC-SP, de 20 a 22 de junho de 2005.

Ao retornar do período de estágio pós-doutoral na CUNY, retomei atividades de consultoria e docência no PROESI – Programa de Estudos Superiores Indígenas, de que participava desde 2000, em equipe responsável pelo desenvolvimento da área de Línguas Indígenas no primeiro programa a oferecer cursos superiores para professores indígenas no Brasil (UNEMAT). A equipe da área de línguas era composta pelas professoras Bruna Franchetto, Luciana Storto e Filomena Sândalo e por mim, resultando das atividades nesse programa duas publicações. Um artigo em conjunto com as professoras da equipe e um Manual de Linguística que escrevi para publicação pelo MEC/UNESCO:

MAIA, M. A. R.; FRANCHETTO, B. ; STORTO, L. ; SANDALO, F. . A Construção do Conhecimento Lingüístico: do Saber do Falante à Pesquisa. Cadernos de Educação Escolar Indígena, Cuiabá, MT, v. 1, p. 47-78, 2002.

MAIA, M. A. R.. Manual de Lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC/SECAD-UNESCO), 2007. 268p .

O livro apresenta conceitos básicos da linguística em seis capítulos (Conceitos Fundamentais, A Forma da Linguagem, A Variação da Linguagem, Tipologia Linguística, Oficina do Período, Ecolinguística), todos contendo atividades e exercícios sobre várias línguas, incluindo línguas indígenas, para serem desenvolvidos em programas de formação superior de professores indígenas, mas tem sido útil também em cursos de escopo mais amplo. Neste período, participei também da criação de um curso de especialização em revitalização linguística e cultural, realizado na

*Universidad Mayor de San Marcos, no Peru, sob o patrocínio da Universidad Indígena Intercultural e do Fondo Indígena.*

Como resultado da parceria de pesquisa com a Profa. Eva Fernández da CUNY (EUA), desenvolvemos uma pesquisa comparando resultados experimentais do espanhol e do português, focalizando a compreensão de orações relativas ambigüamente apostas a DPs complexos, questão central na literatura de processamento desde o final dos anos oitenta, quando da publicação do trabalho seminal de Cuetos & Mitchell (1988), que questionava a universalidade do princípio de *parsing Late Closure*, conforme revisamos acima. O resultado dessa pesquisa conjunta foi publicado no *Journal of Portuguese Linguistics*:

MAIA, M. A. R.; FERNÁNDEZ, Eva ; COSTA, Armanda ; LOURENÇO-GOMES, M. DO C. . Early and late preferences in relative clause attachment in Portuguese and Spanish. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 5/6, p. 227-250, 2007.

A partir de resultados de experimentos de leitura automonitorada feitos em espanhol e também em português brasileiro e português europeu, demonstra-se a aplicação *on-line* do princípio *Late Closure*, argumentando-se em favor de sua universalidade. Este trabalho marca também o início de relações acadêmicas com a Profa. Armanda Costa, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Portugal, com quem desenvolveremos desde então uma parceria em que se produziram diversas visitas acadêmicas, nos dois sentidos, coorientações de tese de doutorado, supervisões de sanduíches, além de publicações de artigos e capítulos de livros no Brasil e em Portugal, dos quais destaco o seguinte capítulo:

MAIA, M. A. R.. A aceitabilidade de estruturas causativas e anticausativas marcadas e não marcadas em Português brasileiro. In: Armanda Costa; Inês Duarte. (Org.). *Nada na linguagem lhe é estranho: homenagem a Isabel Hub Faria*. 1ed.Lisboa: Edições Afrontamento, 2012, v. , p. 553-563.

Neste trabalho, investigamos em um experimento de aceitabilidade

imediate com *input* auditivo, construções causativas com sujeito animado e inanimado a construções anticausativas ou incoativas marcadas e não marcadas pelo clítico SE, como “Ivo abriu a porta”, “o vento abriu a porta”, “a porta abriu” e a “a porta se abriu”, concluindo que o índice de rejeição das anticausativas marcadas com SE foi ainda mais alto do que o das incoativas sem marca gramatical, refletindo a estranheza que esta construção já causa nos falantes de PB. Como previsto, os índices mais altos de rejeição das incoativas seriam provocados pela maior complexidade estrutural dessas construções que, como analisamos no trabalho, apresentariam movimento sintático da posição de objeto para a posição de sujeito, enquanto as transitivas têm seu sujeito já gerado na base. Pode-se concluir, portanto, que as construções anticausativas seriam menos aceitas do que as suas contrapartes causativas porque apresentam maior carga de processamento do que estas.

Este trabalho dialogava com dois outros trabalhos envolvendo, além de dados experimentais da compreensão de frases em português brasileiro, dados sobre a compreensão de duas línguas indígenas brasileiras, o Xavante e o Karajá:

Maia, M. The Processing of causative alternation structures by Karaja/Portuguese bilinguals. In: IX Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics - ISALP, 2012, Bari, Italia. Applied Psycholinguistics - Positive and Ethical Perspectives. Milano: Franco Angeli Milano Ed, 2010. v. I. p. 383-395.

Maia, M.; OLIVEIRA, R. C. DE ; Santos, S. . Este título leria mais claramente em Karajá do que em Xavante ou em Português: um estudo comparativo sobre o processamento da alternância causativa.. In: Luciana Storto; Bruna Franchetto; Suzi Lima. (Org.). Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil. 1ed.Campinas: Mercado das Letras, 2015, v. , p. 197-220.

Esses trabalhos, realizados no âmbito de um projeto contemplado no Edital Universal CNPq, em 2007, que permitiu a aquisição para o Laboratório LAPEX de um equipamento de rastreamento ocular, inauguram

pioneiramente no Brasil a coleta e análise de dados experimentais sobre o processamento de construções morfológicas e sintáticas por falantes de línguas indígenas no Brasil.

O primeiro estudo apresentou evidências experimentais *on-line* obtidas em testes de audição automonitorada, aferindo o processamento de construções de alternância causativa em português brasileiro e em Karajá, analisando-se dados coletados com falantes monolíngues de português e com falantes bilíngues de Karajá e português, tendo os resultados permitido concluir que (i) a marcação morfológica de incoativos parece compensar sua complexidade sintática, facilitando o seu processamento. Os resultados são discutidos como evidência em favor da realidade psicológica da computação morfológica na compreensão; (ii) os bilíngües Karajá não transferem a sua facilitação morfológica em Karajá para o Português.

O segundo estudo argumenta que os resultados indiferenciados entre os índices e tempos de rejeição obtidos no experimento com falantes de Karajá, que contrastam com os resultados obtidos em inglês, português e Xavante, podem ser compreendidos como efeito da codificação morfológica (alternância vocálica i/a) da alternância causativa. Enquanto que em inglês, português e Xavante as formas verbais da alternância causativa não apresentam quaisquer diferenças morfológicas, em Karajá, por outro lado, o acesso à informação morfológica no processamento dessas construções teria permitido a equalização de sua aceitabilidade, independentemente de sua complexidade sintática diferenciada. Argumenta-se, ainda, que a realidade psicológica desses morfemas, patente na comparação translinguística, aporta evidências de processamento em favor da adoção de uma análise da representação

estrutural da alternância causativa, que leve em conta a computação morfológica, na linha do que é proposto por Hale & Keyser (1993) e Harley (2006), no quadro da Teoria da Morfologia Distribuída, podendo-se considerar os morfemas -a- e -i- em Karajá como verbos leves (vezinhos) com diferentes propriedades semântico-sintáticas. O vezinho -a- tem valor “BECOME” e não introduz argumento externo, enquanto que o vezinho -i- tem valor CAUSA, podendo projetar argumento externo. Finalmente, objetivando a produção de análise integrada sobre questões de interesse para a Linguística Teórica, para a Psicolinguística, para a Sintaxe Experimental e para o estudo de línguas indígenas, o trabalho pretendeu também vir a contribuir para estreitar o diálogo entre diferentes subáreas da Linguística, colaborando para superar o seu isolamento teórico e metodológico.

Em 2006, após 12 anos no Museu Nacional, onde exerci atividades administrativas como subchefe do Departamento de Antropologia e também como responsável pelo Setor de Linguística deste Departamento, tendo ainda coordenado e ministrado aulas em cursos de especialização em línguas indígenas brasileiras e em gramática gerativa e cognição, obtive transferência para o Departamento de Linguística da Faculdade de Letras, onde já atuava de fato como docente e orientador, tanto na graduação em Letras quanto no programa de pós-graduação em Linguística, desde 1997.

Na Faculdade de Letras, venho ministrando há quase 20 anos a disciplina Linguística III (Morfologia e Sintaxe), na graduação em Letras, e a disciplina Psicolinguística, na graduação em Fonoaudiologia. Na pós-graduação, ministro regularmente a disciplina Processamento da Linguagem, e mais recentemente a disciplina Sintaxe Experimental, além de participar frequentemente da disciplina obrigatória Prática de Análise de Dados.

Também participo de disciplinas transversais ministradas em cooperação por vários professores, tais como, recentemente, as disciplinas Processamento Psiconeurolinguístico e Representação, Processamento e Função do Foco.

Em 2009, fui eleito para representar o Centro de Letras e Artes no Conselho de Ensinos para Graduados, o CEPG, onde permaneci por dois mandatos consecutivos, até 2015. No CEPG, participei da Comissão Temporária de Alocação de Vagas – COTAV, da Comissão Mista CEG-CEPG, da Câmara de Cursos e, no último mandato, exerci a função de presidente da Câmara Discente.

Em 2011, fui eleito para coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística, tendo sido reeleito em 2013, permanecendo neste cargo durante mais de quatro anos. Neste período, coordenei a reformulação da grade curricular e do regulamento do programa, no sentido de incluir novas disciplinas, criando cursos transversais, estabelecendo disciplinas obrigatórias para o doutorado, bem como ampliando a sua carga total de cursos. Também fui responsável pela edição da Revista Linguística durante cinco anos, tendo obtido a sua primeira qualificação no sistema Qualis-CAPES de Periódicos e, posteriormente, a sua requalificação para a categoria B1. Coordenei reformulações importantes para a revista, tornando-a *on-line* e criando novas seções, como *squib*, entrevista e resenha crítica, tendo também atuado como organizador de um número sobre Métodos em Linguística, outro número sobre Correferência Anafórica, e sido coorganizador de um número sobre Processamento e Aquisição da Linguagem, junto com a Professora Anieli França. Entre 2010 e 2015, organizei um evento internacional e coorganizei com a Professora Anieli França dois outros eventos internacionais relacionados ao GT de

Psicolinguística da ANPOLL, que coordenei entre 2008 e 2010, a saber, o *First* e o *Third International Congress of Psycholinguistics*, este último organizado em conjunto com a PUC-RJ.

Em 2013, após ter passado o primeiro semestre de 2012, como professor visitante no *Department of Spanish and Portuguese* e no *Language Acquisition Research Center*, da *University of Massachusetts, Amherst*, organizei, na UFRJ, em coordenação com os professores Tom Roeper e Luiz Amaral da *UMass*, o congresso *Recursion in Brazilian Languages & Beyond* e a escola de altos estudos homônima, com apoio obtido em projetos submetidos à FAPERJ, à CAPES e ao CNPq. O evento centrou-se sobre o fenômeno da recursividade, que tem sido identificado como uma propriedade fundamental da sistematicidade combinatória da faculdade humana de linguagem (Chomsky, 1957), podendo ser caracterizado, em termos gerais, como uma operação que toma seu próprio *output* como *input* (Roeper, 2010). Hauser, Chomsky & Fitch (2002) propõem que a recursividade constitui a única parte da linguagem que seria, de fato, especificamente humana. No entanto, a recursividade pode se manifestar de muitas formas na gramática, com grande variação entre as línguas. As construções recursivas não se limitam a complementos, mas estendem-se a possessivos, Sintagmas Preposicionais, adjetivos, além de outras estruturas menos comuns, que vêm sendo descobertas em trabalho de campo, em diversas línguas. Uma vez que muitas dessas construções recursivas não estão necessariamente presentes em todas as línguas, o desafio sobre sua representação, aquisição e processamento vem emergindo como uma nova fronteira dos estudos linguísticos. Entretanto, na última década, tanto a alegação de que a recursividade é o componente central da faculdade da linguagem, no sentido estrito (*narrow faculty of*

*language*), quanto a de que deveria estar, portanto, presente em todas as línguas, têm sido objeto de debate intenso (cf. Pinker & Jackendoff, 2005; Everett, 2005, entre outros). Nesse sentido, a conferência também incluiu a apresentação de trabalhos que discutissem a recursividade em outras dimensões da cognição humana, em uma perspectiva comparativa com a linguagem. O projeto do congresso *Recursion in Brazilian Languages & Beyond* propôs examinar-se construções recursivas em diferentes áreas da linguística descritiva, teórica e experimental, incluindo, mas não se limitando aos campos da gramática gerativa, tipologia linguística, linguística antropológica, processamento da linguagem, neurociência da linguagem, Aquisição de primeira e de segunda língua, estudos do bilinguismo, etc. O objetivo do congresso foi, portanto, o de permitir que diferentes construções gramaticais em uma ampla variedade de línguas fossem objeto de exame através de diferentes angulações teóricas e experimentais. A resposta à chamada feita pela comissão científica e organizadora foi extremamente positiva, incluindo propostas de comunicações reportando pesquisas de caráter teórico, experimental ou descritivo sobre estruturas recursivas em línguas pertencentes às principais famílias linguísticas do Brasil (Tupi, Macro-Jê, Carib, Aruaque), além do português, espanhol, inglês, francês, japonês e da língua de sinais brasileira. Recebemos na Faculdade de Letras da UFRJ pesquisadores filiados a importantes instituições de pesquisa e ensino brasileiras (UFRJ, USP, Unicamp, Museu Nacional, UFMG, UFF, UFRN, UFRR, PUC-RJ, PUC-RS, CEFET-RJ, UFScar), e também a instituições internacionais de prestígio, tais como a University of Massachusetts (Amherst), a State University of New York (EUA) a Université du Quebec, a Concordia University, a University of Toronto e a University of Ottawa (Canada), o CNRS/França, a University College of London, o Kyushu



Institute of Technology e a Kitasato University (Japão), atestando a relevância da iniciativa. Um dos produtos do evento foi a organização de um livro em edição conjunta com os professores Tom Roeper, Andrew Nevins e Luiz Amaral, contendo uma seleção de cerca de 20 trabalhos apresentados no congresso, ora em fase final de avaliação para publicação pela *Cambridge University Press*, provavelmente ainda no corrente ano de 2016.

Além da pesquisa sobre construções recursivas em português, inglês e na língua Karajá, tenho também desenvolvido um projeto de pesquisa sobre o chamado Efeito da lacuna preenchida (ELP - *Filled gap effect*) em português brasileiro, contando com alunas de iniciação científica como assistentes de pesquisa, para investigar através de experimentos de leitura automonitorada e de rastreamento ocular a ocorrência do efeito em construções subjacentes e não subjacentes e em contextos semânticos de plausibilidade e de implausibilidade. Os resultados até aqui obtidos sugerem que configurações de ilhas sintáticas são percebidas rapidamente pelo processador, impedindo tanto a postulação do ELP, quanto a avaliação semântica de plausibilidade na seleção-s do complemento pelo verbo. Nas condições não subjacentes, o ELP se instancia e a avaliação semântica ocorre apenas posteriormente às decisões de análise sintática, não evitando o ELP, conforme predito pelos modelos de processamento do tipo *syntax-first*. Esses resultados têm sido utilizados para substanciar a discussão sobre a interação interdisciplinar entre as áreas da Teoria Gramatical, da Sintaxe Experimental e do Processamento de Frases.

Como resultado das minhas atividades de pesquisa nessas interfaces, tenho sido convidado a ministrar minicursos sobre a especialidade de Sintaxe Experimental, em Institutos da Associação Brasileira de Linguística –

ABRALIN de 2011 e de 2015 e em eventos como o II Encontro de Linguística Formal da UFSC (2016). Fui ainda convidado a falar sobre sintaxe experimental em línguas indígenas no Experimental Linguistics Formal Approaches – EXFA, IEL/Unicamp, em 2011. Também escrevi o capítulo sobre sintaxe experimental no livro *Sintaxe, Sintaxes* e organizei número especial da Revista da Abralín sobre o tema, em 2014, bem como estou presentemente organizando, a convite, o volume especial de 2017, sobre o tema *Linguística Experimental* para a Revista de Estudos da Linguagem – RELIN (FALE/UFMG):

MAIA, M. A. R.. *Sintaxe Experimental*. In: Gabriel Othero; Eduardo Kenedy. (Org.). *Sintaxe, Sintaxes*. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015, v. , p. 51-72.

MAIA, Marcus. Organização da Revista da Abralín, vol. 13, n.2 - *Sintaxe Experimental*. 2014. (Editoração/Periódico).

MAIA, Marcus. Organização (em curso) da Revista de Estudos da Linguagem – RELIN (UFMG), - *Linguística Experimental*. A aparecer em junho/2017. (Editoração/Periódico).

Em 2015, organizei o livro “*Psicolinguística, psicolinguísticas*”, publicado no mesmo ano pela Ed. Contexto. Apresentei o volume e escrevi o capítulo de *Processamento de Frases*, sendo os 12 capítulos seguintes produzidos a meu convite por especialistas nas áreas de aquisição, produção, distúrbios da Linguagem, processamento da correferência anafórica, processamento morfológico, computação gramatical, processamento da leitura, da alfabetização, da segunda língua, neurociência cognitiva e neurociência da linguagem. Participei ainda como coautor do livro “*A Linguística no Século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem*”, em colaboração com as professoras Anieli França e Lilian Ferrari. O livro acaba de sair, publicado também pela Editora Contexto.

Em 2015, fui convidado a visitar duas instituições internacionais, com viagens financiadas pelas instituições que me convidaram. A primeira viagem atendeu convite da Massey University, na Nova Zelândia e teve duração de cerca de três semanas, incluindo, além de reuniões, 3 conferências acadêmicas nos *campi* da *Massey University* em Auckland, Palmerston North e Wellington e 2 palestras para o grande público, em Palmerston North e Wellington, sobre línguas indígenas brasileiras. Como resultado desta visita, o diretor da *School of Humanities* da *Massey University*, esteve recentemente no Brasil, em reuniões com o Setor de Convênios e Relações Internacionais da UFRJ, estando um acordo entre as duas instituições em fase final de assinatura de um *Memo of Understanding* pelos reitores das duas instituições acadêmicas. A visita à *Massey University* já gerou duas publicações:

Maia, M; BERARDI-WILTSHIRE, A. . An interview with Hinurewa Poutu Maori. Revista Linguística UFRJ, v. 11, p. 14-21, 2015.

BERARDI-WILTSHIRE, A. ; Petrucci, Peter ; MAIA, Marcus . REVITALIZAÇÃO DE LÍNGUA INDÍGENA NA NOVA ZELÂNDIA: O CASO EXEMPLAR DAS ESCOLAS DO POVO MĀORI. Cadernos de Educação Escolar Indígena, v. 12, p. 11-32, 2015.

O primeiro artigo é uma entrevista com a linguista Maori Hinurewa Poutu sobre o projeto de ninho de línguas Maori. O segundo é um artigo em conjunto com dois outros professores da *Massey University* discutindo a ameaça de extinção de línguas e culturas no Brasil e no mundo, para, em seguida, focar na situação atual da *Te Reo Māori*, a língua indígena falada na Nova Zelândia, no âmbito mais amplo do panorama linguístico e cultural desse país. A discussão é aberta com uma síntese da história do uso da língua Māori, desde sua quase extinção até a sua revitalização gradual em pouco mais de três décadas de esforços empreendidos pelo povo Māori para evitar a morte de sua língua. Focalizando o papel crucial das escolas

em língua Maori para conseguir melhorar o estado geral de vitalidade da língua, exemplifica-se a situação atual da língua Māori, no sistema educacional da Nova Zelândia, através da discussão da Mana Tamariki Te Kōhanga Reo me Te Kura Kaupapa Māori, uma escola em língua Māori que inclui os níveis pré-escolar, fundamental e médio. O artigo foi publicado no início do corrente ano nos Cadernos de Educação Escolar Indígena, que circula entre professores indígenas e não indígenas atuantes em escolas indígenas no Brasil, esperando-se que o conhecimento desse caso exemplar seja inspirador para que se desenvolvam ações de revitalização no Brasil.

Um outro produto imediato do acordo é a participação de dois professores da *Massey University* no curso LEF827 - Tópicos Especiais I – *Language Education and Revitalization* – Educação e Revitalização Linguísticas, a ser oferecido para os alunos dos cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, no segundo semestre de 2016. Uma das linguistas que virão para o curso, Hinurewa Poutu é da etnia Maori. Pretende-se, na ocasião de sua visita, em outubro do corrente ano, levá-la para visitar a aldeia Nonoai, da etnia Kaingang, com a aluna de doutorado em linguística do POSLING/UFRJ, Marcia Nascimento, que é Kaingang, sendo professora da escola bilíngue, desta aldeia. A *Massey University* já concordou preliminarmente em viabilizar a visita de Marcia à Nova Zelândia, em 2017, para visitar os programas de ninhos de língua (*language nest*), que nos últimos 30 anos têm conseguido reverter a tendência de desaparecimento da língua Maori na Nova Zelândia.

A segunda viagem internacional realizada no segundo semestre de 2015 foi à convite da Professora Ana Perez-Léroux, da *University of Toronto* e incluiu, também, no caminho, uma escala de pesquisa de uma semana na *University of Massachusetts, Amherst*. A Professora Perez-Léroux coordena um

projeto sobre a aquisição da recursividade em inglês e em espanhol e, durante a visita, proferi conferências nos Departamentos de Espanhol e Português e de Linguística da Universidade de Toronto, além de realizar reuniões de pesquisa com professores e alunos da equipe de pesquisa sobre o tema da recursividade. Em uma das palestras, abordei os experimentos de rastreamento ocular realizados com falantes de português e de Karajá, devendo o trabalho ser publicado em inglês, ainda no presente ano:

Maia, M. (a aparecer). A Computational Efficiency Principle in action in the processing of recursively embedded PPs in Brazilian Portuguese and in Karajá.

O artigo apresenta e discute dois experimentos psicolinguísticos de rastreamento ocular comparando o processamento da coordenação e do encaixe de Sintagmas Preposicionais, em Português Brasileiro e de Sintagmas Posposicionais em Karajá. O experimento 1 comparou o processamento de frases contendo Sintagmas Preposicionais que podem estar coordenados ou encaixados recursivamente em português do Brasil. O experimento 2 comparou o processamento de Sintagmas Posposicionais que poderiam estar recursivamente encaixados ou coordenados, em Karajá. 20 sujeitos falantes de Português Brasileiro e 20 sujeitos falantes de Karajá tiveram seus movimentos oculares monitorados enquanto realizavam uma tarefa de julgamento de correspondência entre frase e imagem. Com base em estudos anteriores relatados em Maia *et alii* (a aparecer), duas hipóteses foram formuladas, tanto para o BP quanto para o Karajá, a saber, (i) o lançamento do processo de encaixe de SPs seria mais custoso para processar do que o lançamento do processo de coordenação de SPs; (ii) após o lançamento, o terceiro SP seria menos custoso do que o SP anterior. Os resultados confirmaram essas previsões e são analisados em

termos de um algoritmo de aprendizagem, funcionando como um efeito computacional de terceiro fator.

Finalmente, concluindo esse já excessivamente extenso Memorial, reporto que, nessas mais de duas décadas de atividades na UFRJ, orientei 26 projetos de iniciação científica, 21 dissertações de mestrado e 17 teses de doutorado, além de supervisionar 4 projetos de pós-doutorado. Os egressos do doutorado, seja em orientação ou em coorientação, estão todos exercendo atividades relacionadas à sua formação, sendo hoje atuantes na UFRJ, UERJ, UFF, UFPB, UFES, UFJF, IFF, UNICAMP, Universidade de Lisboa e Universidade do Minho, Portugal. Em suma, considerando o conjunto de atividades acadêmicas aqui reportadas, espero haver contribuído para desenvolver no Brasil as áreas de Psicolinguística e de Sintaxe Experimental, bem como o campo de estudos teóricos e aplicados sobre línguas indígenas brasileiras.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 2016



Marcus Antonio Rezende